

PRO. 11.071.87
DATA 21.10.39
F.S.
CÓD. OKD 39

RELATÓRIO DO POSTO INDÍGENA ARARIBOIA

I - TERRAS

1. Localização

A sede do Pôsto Indígena Arariboia fica no Município de Amarante do Maranhão, distando da sede do Município 36 Km e da cidade de Grajau, 118 Km. Está localizada na cabeceira do riacho Buriticupu (Funil), afluente do rio Pindaré. Suas terras abrangem área, que ultrapassa os limites do Município de Amarante do Maranhão. (Ver quadro de localização das Aldeias).

2. Limites-confrontantes

A área reservada, limita-se a leste com o riacho Zutina, desde sua cabeceira principal até o lago Branco; daí, por linha reta, até a foz do riacho Buriticupu (Funil), no rio Pindaré; sobe o riacho Buriticupu (Funil), até sua cabeceira principal; daí, por linha reta, até a cabeceira principal do riacho Zutina. Não há referência aos confrontantes.

Numerosas aldeias estão dispersas fora desta área, desde a margem esquerda do rio Corda, afluente do Mearim, até o rio Pindaré, e, mesmo, a margem esquerda desse rio, no seu baixo curso.

3. Área

A área reservada constitue um quadrilátero de lados de mais ou menos 90 Km, com cerca de 8.100 Km².

4. Aspectos jurídicos

As terras reservadas para o Pôsto ainda não foram demarcadas, embora esteja em andamento a sua legalização. A área, apesar de bastante extensa, não abrange todas as aldeias. Grande parte delas se acha fora da mesma.

II - COMUNICAÇÕES

1. Externas

O Pôsto liga-se às cidades de Amarante do Maranhão e Grajau por estradas carroçáveis, utilizáveis durante todo o ano, embora precariamente na época das chuvas.

A 5.900 z do Pôsto, passam as linhas telegráficas e telefônicas que ligam Grajau à Amarante do Maranhão. Encarregado da F.C.C., senhor Benevenuto Riedel, por ordem do Sr. sr. Sebastião L. Lerez, então Chefe da I.R.3, colocou postes de madeira, de cem em cem metros e estendeu fios, visando fazer a ligação do Pôsto com o sistema de comunicação telefônica da região. No entanto, o Governo do Estado do Maranhão não deu a autorização para que a I.R.3 completasse a ligação.

2. Internas

RUBRICA

Há estradas carroçáveis ligando o Pôsto às Aldeias de Pacurizinho, Guararru e Guarimanzinho; há várias picadas ligando aldeias a estradas carroçáveis da área e ligando aldeias às lavouras e às áreas de coleta e caça.

III - ASPECTOS NATURAIS1. Clima

Tratando-se de terras que se encontram em pleno Maranhão amazônico, o clima é úmido. A estação chuvosa vai de dezembro a junho.

2. Topografia

O terreno é acidentado, cortado de vales e coberto de serras e chapadões.

3. Hidrografia

Além dos rios que delimitam as terras - os riachos Zutiua e Puriticupu (Funil) -, estas são cortadas por inúmeros de seus afluentes. A área de dispersão das aldeias é banhada pelos rios Corda, Nearim, Grajau e Pindaré e vários de seus afluentes. Na área do Pôsto há riachos, lagoas, fontes e cacimbas.

4. Vegetação

As terras, muito férteis, são cobertas por mata hileana em mais ou menos dois terços de sua extensão; nelas se encontram diversas variedades de madeira de lei, além de cimarruçu, copaíba, jatobá e cunaricica (resinas), cipó titica (vime), almiecar (almescala, na região), todos de grande valor comercial. Há zonas de pastagens naturais, lavouras temporárias e áreas improdutivas.

5. Fauna

Nas matas da região encontram-se, com maior frequência, os seguintes animais: veados, porcos (caitetu e queixada), pacus, tatus, cotias, antas, preguiças, macacos (varíos), quatis, onças (jaquaricicas), teius, camaleões; há muitas variedades de ofídios e aves, notadamente: Siriemas, emas, mutuns, perdizes, jacus, pombas, araras e papagaios, que contribuem para a alimentação dos índios.

Os rios e riachos da região são pouco piscosos. Encontram-se, apenas, pícuas, pacus, sardinhas, frarnhas e pequenos peixes.

IV - HISTÓRIA DO PÔSTO

O Pôsto foi fundado em 1942, por José Olímpio da Alencar, na antiga Aldeia Índigena de Geralda, à margem do rio Grajau. Em 1950, na gestão do Senhor Sebastião M. Xerez, como Chefe da IR 3, foi transferido para o local atual.

O Pôsto tem jurisdição sobre dezoito aldeias de índios guajajaras, seis de índios Kri-ka-tis (casacatís), uma mista, de índios guajajaras e timbiras e uma tintirá. Algumas destas aldeias, distam da sede do Pôsto 141 Km, por estradas carroçáveis ou picadas.

V - SEDE

A sede do Pôsto está instalada na extremidade ocidental das terras reservadas, em um casarão assobradado, de taipa e madeira, com cobertura de cavacos e palha e pisos de madeira e terra batida.

No pavimento térreo, há uma sala (da administração) de 7x9 m, acoalhada com tábuas longas.

No sobrado, há dois quartos de 3,5 x 4,5 m, cada, com cobertura de cavacos.

O edifício foi construído em 1950; é iluminado a querozene e servido de fossa negra.

VI - BENFEITORIAS

Ao lado esquerdo da casa da sede, há uma construção de taipa, coberta de palha, medindo 5x5 m, que serve de residência para o Encarregado do Pôsto. Ao fundo, há um Galpão, também, de taipa e coberto de palha, medindo 12x5 m, onde funcionam o refeitório, a cozinha e um depósito. Ambas as construções têm chão de terra batida.

Há também, no quintal, um pequeno cômodo de taipa, coberto de palha, de 3x3 m, com uma fossa negra. O quintal da casa da administração é cercado por cerca de pau e piche, em razoável estado de conservação.

Em frente à casa do Pôsto alinham-se as casas dos cinco funcionários e dos 93 índios, que vivem na aldeia do Pôsto. As casas dos funcionários são palhoças construídas por eles mesmos. A rua que as separa da casa do Pôsto, é uma avenida larga, que se torna leito de enxurradas na época das chuvas.

No quintal, há um barracão, coberto de palha, medindo 6x8 m, onde funciona a casa de farinha, com um caetétu, para molar mandioca e um pilão grande, para limpar arroz.

VII - MATERIAL1. Pertencente

(Ver anexo)

2. Consumo

(Ver anexo)

3. Semoventes

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

O Pôsto é provido de muito pouco gado que, segundo declara o recenseador, é de propriedade dos índios. No entanto, está ferrado com a marca do SPI, o que é feito no verão. Os suínos recebem ração de milho e mandioca. O gado está disperso em várias aldeias e está assim distribuído:

a) Bovinos: 14

- vacas 3
- bezerros (de 1 a 2 anos) 2
- novilhas 6
- garrotes 3

b) Asininos e Muares: 9

- mulas 3
- burros 6

c) Suínos: 4

- fêmea (reprodutora) 1
- filhotes com menos de seis meses 3

Nos últimos cinco anos foram adquiridos cinco muares. Alguns burros são utilizados como animais de montaria, não ficando claro no levantamento, o número destes.

VIII - PESSOAL1. Encarregado

O Encarregado do Pôsto é o Senhor Benvenuto Riedel, Agente de Índios, nível 5; percebendo vencimentos de trinta e um cruzeiros novos (NCR\$ 31,00). Trabalha há 28 anos no serviço público, sempre no SPI. Ocupa a atual função desde 1953. Tem curso primário; é viúvo e tem sete filhos. JÁ exerceu a função de Encarregado anteriormente, quando organizou um pomar no Pôsto, trazendo as mudas de muito longe: 850 bananeiras, 70 pés-de eucaliptos e diversas mudas de laranjeiras, abacateiros, limoeiros e mangueiras. Ao reassumir, o pomar não mais existia. Reside no Pôsto, na casa da administração.

Seu Substituto, é o Senhor Pedrojunco Ferreira Sobrinho, que é atualmente o Encarregado Substituto do Pôsto Índigena Tenente Manoel Rabelo.

2. Auxiliares

1. MARIA DOLORES VILA, Professor Pré-primário, nível II, percebendo vencimentos de quarenta e cinco cruzeiros novos (NCR\$ 45,00). Trabalha no SPI há 24 anos, sempre exercendo as atuais funções. É solteira e reside em casa própria;

2. NELSON VIANA SANTOS, Enfermeiro auxiliar, nível 5, percebendo vencimentos de trinta e oito cruzeiros novos (NCR\$ 38,00). Trabalha no SPI há oito anos; tem instrução primária. É casado com Dona Agostinha Ribeiro Santos; tem três filhos e reside em casa própria;
3. SUELY BONI DA SILVA, Trabalhador, nível 1, percebendo vencimentos de vinte e dois cruzeiros novos e quarenta centavos (NCR\$ 22,40). Trabalha no SPI há doze anos; tem curso primário e sempre exerceu a função de auxiliar de ensino, trabalhando, também, na cozinha do Pôsto. É mestiça de guajajara. Casada com o Senhor João Chaves da Silva; tem três filhos e reside em casa própria.
4. JOÃO CHAVES DA SILVA, Trabalhador, nível 1, percebendo vencimentos de vinte e dois cruzeiros novos e quarenta centavos (NCR\$ 22,40). É casado com Dona Suely Boni da Silva. Trabalha no SPI há oito anos. Tem instrução primária. Demais informações, no ítem anterior;
5. EMILEE VIANA SANTOS, Trabalhador, nível 1, percebendo vencimentos de vinte e dois cruzeiros novos, e quarenta centavos (NCR\$ 22,40). Trabalha no SPI desde 1950; tem instrução primária. É casada com o Senhor Pedro Marizé e tem sete filhos. Reside em casa alugada. Está licenciada há mais de dois anos, para tratamento de saúde. Doença; alienação mental.
6. ALCEBIADES RESPLANDES COSTA, Trabalhador, nível 1, percebendo vencimentos de vinte e dois cruzeiros novos e quarenta centavos (NCR\$ 22,40). Não há outras informações sobre este funcionário.

IX - ATIVIDADES DA ADMINISTRAÇÃO

Aplicam-se aqui, as observações feitas no relatório da 3ª Inspetoria Regional, relativas às atividades da administração. Não há referência a planos de qualquer natureza, limitando-se as atividades da Administração, apenas, à fiscalização das atividades do pessoal e ao controle do material.

O inventário do patrimônio nacional e do patrimônio indígena é feito anualmente e remetidas cópias para a IHG e para a sede do SPI. Não há arquivamento de correspondência ou documentos.

O Pôsto não possui local próprio para a escola; está funciona na casa da professora. O quadro negro, feito pelos próprios índios, é pintado com fuligem de panela ou cajueiro; quando se apaga o que foi escrito, o quadro negro tem que ser pintado novamente. O giz é comprado pela professora, com seus próprios e insuficientes vencimentos. O estoque de cadernos e lápis está no fim. Este é todo o material de que a escola dispõe. Não obstante, os poucos alunos que a frequentam, já sabem ler e escrever e cantar o Hino Nacional e o da Bandeira.

Não há, no Pôsto, enfermaria ou armazém, nem paiol, oficina ou usinas de qualquer natureza.

O Pôsto pode hospedar inspetores ou funcionários do SPI ou pessoas por ele credenciadas. Para isso, há um quarto na casa da Administração.

INDUSTRIAS DA AGRICULTURA - O Pôsto mantém pomares e lavouras para consumo do pessoal e dos índios. O cultivo do solo é rudimentar; não se usa fertilizantes ou inseticidas de qualquer espécie. A produção, tanto das culturas permanentes, quanto das temporárias, é pequena. Não se pratica a horticultura. As roças são preparadas em junho e a colheita se dá em maio ou abril.

As culturas temporárias encontradas são: abóbora, arrêz, batata doce, cará, feijões, mandioca e milho. Quanto às culturas permanentes: banana (300 touceiras), goiaba (50 pés), laranja (50 pés), limão (20 pés), mamão (20 pés), manga (10 pés), tangerina (6 pés). As árvores estão plantadas a distância irregular, e todas estão produzindo.

Os índios colhem cumaru, resina de jatobá, almisca e óleo de copaíba. Segundo informações correntes, em 1962 a safra de cumaru, que pagou imposto em Grajau, elevou-se a 24 toneladas e resina de jatobá, também, atinge, anualmente, a lagumas toneladas. Os índios vendem a produção a terceiros, sob assistência do Pôsto. O mesmo se dá com as peles de animais silvestres. A mandioca é transformada em farinha d'água e farinha de tapioca, na casa de farinha do Pôsto. Há, também, produção de rãdes de algodão.

X - POPULAÇÃO INDÍGENA

A população indígena que recebe assistência do Pôsto, é constituída de guajajaras e Krikatis (caracatis), timbira, dispersos em trinta aldeias (ver quadro das faixas etárias anexo).

1.	Aldeia do Pôsto (Araribocia)	93
2.	Bacurizinho I	126
3.	Guarimanzinho	105
4.	Guarurru	80
5.	Cabeceira I	31
6.	Buritirana II	39
7.	Presidio	115
8.	Vazos Ver	86
9.	Cururu	120
10.	Cabecisira III	48
11.	Catinguciro	31
12.	Curupati	6
13.	Vão de Gato	49
14.	Borges	74
15.	Rutiácea	60
16.	Riachinho	32
17.	Governador	90
18.	São José	164
19.	Buritirana II	23
20.	São Gregório	66
21.	Ipu	83
22.	Bacurizinho do Ipu	154
23.	Cocal	93
24.	Pedra	40
25.	Bananal	109
26.	Lago Branco	-

1. Guajajaras (tenentehara) - grupo que se estende com o nome de Tembé, em número de poucas centenas (Wagley-Gavião, 1941/42), à margem esquerda do alto rio Gamá, dos rios Acarai e Acará e à margem esquerda do médio rio Capim, no Estado do Pará (Malcher). No Maranhão, ocupam terras nos municípios de Barra do Corda, Grajau, Amarante do Maranhão, Piamentel, Pindaré-Mirim e Aterrado. Não há diferenças marcantes entre os Tenente hara - Tembé, do Pará e os Tenentes hara-Guajajaras, do Maranhão, de que este relatório trata. São grupo linguístico tupi.

Os tenentehara-Guajajaras distribuem-se em numerosas aldeias dispersas desde a margem esquerda do rio Corda, afluente do rio Mearim, até o rio Pindaré-e, mesmo, margem esquerda desse rio, no seu baixo curso.

Na sua situação de contato permanente com os civilizados, perderam as características.

2. Krikati (Caracati) - grupo remanescente dos Timbiras, que vivem no Município de Amarante do Maranhão, nas aldeias indígenas de São José, São Gregório, Buritirana, Governador, Riachinho e Rubiácea. Na área do Pôsto Indígena Gonçalves Dias, Município de Pindaré-Mirim, reconhecem-se como Krenzé (Timbiras).

Mantém contato permanente com os civilizados, conservando, entretanto, os característicos de sua vida tribal, particularmente nos aspectos da organização social e tecnológica. São de língua gê.

A situação sanitária desses grupos é precária: São atacados por gripe, tuberculose, malária, vermes, infecções diversas e doença dos olhos (tracoma). Utilizam como medicamentos, anti-bióticos (penicilina), iodo e aralem, fornecidos esporadicamente, pelo Pôsto, que se limita a esse tipo de assistência sanitária. Em pelo menos 14, das 30 aldeias visitadas, há abôrtos, na maior parte das vezes provocados. São elas: São Gregório, São José, Riachinho, Rubiácea e Buritirana (de índios Krikatis); Geralda, Urucum, côco, Juncá, Lagca Comprida, Bacurizinho do Ipu, Borges e Vão de Gato (de índios Guajajaras).

XI - ATIVIDADES DA POPULAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA

I. Construções

Os índios, tanto os guajajaras, como os Krikati, constroem suas casas em linha, distanciadas irregularmente uma das outras, cerca de oito a dez metros. A estabilidade das construções é boa. As casas são feitas de palha (paredes, coberturas e portas) e chão de terra.

batiada. Não há cômodo próprio para a cosinha, que se resume a uma trempe de pedras a um canto do quarto. Utilizam-se de fós foro, isqueiro e binga para acender o fogo. As dimensões mais frequentes das construções, são de 4x5 m. e 3x4 m. Sua forma é, em geral, retangular, com um cômodo e um alpendre.

2. Coleta, caça e pesca

Os índios fazem coleta de frutos silvestres e palmito. Caçam aves e animais de pelo; não há, entretanto, locais de caça reconhecidos, como de propriedade de indivíduos ou de famílias. Os índios não se dedicam à pesca.

Os krikatis coletam raramente palmito, pinhão e frutos silvestres, dedicando-se mais à coleta de babaçu, buriti, piqui, cajá e mangaba.

3. Lavoura

Tanto os guajajaras, como os krikatis (caracatis), são agricultores ativos. De um modo ou de outro todos trabalham; não há índios inativos. Os métodos de cultivo são bastante rudimentares; o plantio da terra se faz de julho (derrubada) a setembro (aradura); as terras não recebem fertilizantes de qualquer espécie.

As roças pertencem ao índio e sua família, que escolhem sua localização, de acordo com a natureza do terreno, dando preferência às baixadas e matas. As roças são usadas durante dois anos e depois abandonadas. O terreno, então, torna-se capoeira e, raramente, volta a ser utilizado.

Os krikatis (caracatis) plantam mandioca, cará, milho, feijões, fava e arroz. Os guajajaras, além destes produtos, plantam batata doce e macacheira. Encontra-se, também, plantações de melancia, inhame, fumo, mamona e até alguns pés de maconha (usada como fumo, principalmente, pelos índios mais velhos).

4. Criação

Nas trintacaldeias visitadas, foram encontradas, somente dez asininos, três bovinos, dois equinos e dez suínos de propriedade dos índios.

5. Artesanato-artefatos

Os guajajaras fabricam trançados (cestos, esteiras, peneiras, abanos, tipitis), arcas e flechas, em pequena quantidade e rôdes, as quais atribuem grande valor.

Os krikatis (caracatis), além dos objetos referidos, produzem lanças cerimoniais.

6. Objetos, utensílios e indumentárias

O mobiliário comum entre os índios é a rede e as esteiras (de seu fabrico) e bancos torcos. Na cobiça usam panelas, colheres de pau e de metal, pratos, copos,

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

caneiros, cabaças e rulos de fôlha de flandres.

Além dos trançados (de seu fabrico), usam espingardas, munição, terçados, facas, tesouras, agulhas, linha, tecidos e teares. Em toda a área só se encontra uma máquina de costura: na aldeia do Pôsto (Arariboia).

7. Regime de Trabalho

Entre os índios, o trabalho é dividido da seguinte forma: às mulheres cabe cuidar da cozinha e das crianças, fabricam redes e farinha; os homens cuidam das roças e dos animais, caçam, pescam, constroem as casas, abatem madeira e coletam.

Quando solicitados pelo Encarregado do Pôsto, executam trabalhos em comum. Trabalham, também, para civilizados. Raramente há intermediários nas trocas entre índios do mesmo grupo.

8. Contato com Civilizados

Uma vez por ano o Pôsto é visitado por frades, que rezam missa e batizam; hospedam-se na sede do Pôsto, não pagando pousada. As vezes trazem alimentos.

O Pôsto é também, visitado por viajantes, principalmente os que negociam com cumaru e resinas.

As relações com os civilizados são calmas, mas nem sempre boas. Os civilizados utilizam o trabalho dos índios, pagando-os com dois ou três pratos de farinha, ou então uma diária que varia de 40 a 50 centavos; o preço é estipulado pelo empregador. Os índios conhecem a moeda Nacional e quando eventualmente, conseguem ganhá-la é para comprar remédios, alienígenas, roupas ou para aplicá-lo em algum negócio. Geralmente trabalham nas roças de civilizados.

Premidos pelas dificuldades, os índios são muitas vezes forçados a trocar as ferramentas (facoões e machados) que recebem, eventualmente, do SPI, com civilizados. Trocam-nas por comida, bebida ou remédios. Quando precisam adquirir ferramentas de trabalho, o fazem por compra ou por troca por objetos que fabricam.

Recenseamento: João Américo Paret
março/1964

Redação: Rubens Auto da Cruz Oliveira
outubro/1968